

Editorial

Perspectivas discursivas da divulgação/popularização da ciência/ *Discourse Perspectives of Science Divulcation/Popularization*

*Sheila Vieira de Camargo Grillo**

*Maria Eduarda Giering***

*Désirée Motta-Roth****

A ciência antiga se pratica como atividade solitária, secreta;
a ciência clássica torna-se uma atividade pública, acadêmica;
enfim a ciência contemporânea se pratica como uma profissão.

Cada regime renova a divisão entre ciência
e opinião e o legitima à sua maneira.

Bernadette Bensaude-Vincent

A palavra prepara o caminho para a ciência.

Aleksándr Potebniá

Ao longo da história, a ciência tem estabelecido relações variadas com a esfera pública, o que tem determinado não só a compreensão geral do mundo pelo conjunto da sociedade, mas também a definição das práticas e objetivos da atividade científica e o diálogo dinâmico e interdependente entre ciência e sociedade. Na contemporaneidade, as relações entre os saberes produzidos pelos cientistas e o conjunto da população também são compreendidas e realizadas a partir de variadas perspectivas ideológicas, culturais e discursivas, especialmente na divulgação/popularização da ciência. A linguagem, verbal e não-verbal, é uma dimensão que atravessa todas as atividades de divulgação/popularização da ciência, constituindo-se em um ponto de vista privilegiado para seu estudo, descrição e análise.

Para o linguista russo Aleksándr Potebniá (2010 [1892]), na relação entre pensamento e linguagem, a palavra permite a decomposição do pensamento, a sua tomada de consciência e a tendência a integrar um sistema, funções que preparam o

* Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, Brasil; CNPq – PQ nº 309502/2014-4; sheilagrillo@uol.com.br

** Universidade do Vale dos Sinos - UNISINUS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil; eduardag@unisinos.br

*** Universidade Federal de Santa Maria UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; CNPq – PQ nº 309668/2013-1; mottaroth@gmail.com

caminho não só para o desenvolvimento do conceito, mas também para o conhecimento científico.

O fenômeno discursivo da divulgação/popularização da ciência tem sido conceituado de modo variado por diferentes perspectivas teóricas. O presente volume abriga artigos submetidos, avaliados e selecionados a partir de diferentes concepções da divulgação/popularização da ciência: tradução ou reformulação do discurso científico - abordagem predominante nos estudos da linguagem; gênero discursivo; atividade de recontextualização; construção dependente dos processos da encenação midiática; e modalidade particular de relação dialógica.

Um primeiro conjunto de artigos concebe, sob diferentes aportes teóricos, a divulgação científica como prática de reformulação ou de tradução do discurso científico em um discurso segundo. O trabalho pioneiro de Authier-Revuz (1998 [1982]) é referência para abordagens discursivas sobre a divulgação científica, concebida como prática de reformulação ou “operação de tradução” do discurso científico em um discurso segundo equivalente, cujo resultado é um texto que apresenta três aspectos principais. Primeiramente, um quadro global de discurso relatado, no qual uma dupla estrutura enunciativa funciona e se mostra: os interlocutores e o quadro de enunciação do discurso científico e os interlocutores e o quadro de enunciação da divulgação científica. Em segundo lugar, recorrentes transferências de um discurso a outro, por meio da justaposição de termos científicos e sua “tradução” por termos cotidianos. Essa justaposição é valorativa em favor do discurso científico, apresentado como preciso, racional e erudito, enquanto o discurso cotidiano é construído à imagem do incerto e do aproximado. Por fim, a presença ostensiva de signos de distância metalinguística em relação a uma palavra – sobretudo o *itálico* e as *aspas* – mostrada como de origem científica ou cotidiana, ambas, porém, representadas como estrangeiras ao discurso do divulgador. O resultado dessas operações é um discurso explícito e intencionalmente heterogêneo, que coloca em contato o diálogo rompido entre a comunidade científica e a esfera pública. Aqui Authier-Revuz lança mão dos conceitos de “plurilinguismo” e de “dialogismo” do Círculo de Bakhtin para concluir que a divulgação científica caracteriza-se pela ostentação da mediação-comunicação do diálogo entre duas línguas – ou bilinguismo – correspondentes a dois discursos: o científico e o cotidiano. Segundo a autora, esse diálogo, entretanto, não aborda a ciência

por meio dos processos históricos e sociais de produção do conhecimento, antes reforça uma imagem universal e absoluta do fazer científico. Percebemos que a descrição desses aspectos não privilegia a inserção da divulgação científica em uma esfera ou campo particular, apenas situa os textos analisados originalmente na esfera midiática francesa.

Inserindo-se claramente nesta concepção, temos o artigo inicial de Juliana Santos Botelho, Suelen Martins e Jerônimo Coura Sobrinho, intitulado Modalização autonímica na divulgação científica. Os autores estudam o recurso da modalização autonímica como um vetor da heterogeneidade discursiva nos textos divulgação científica e, além disso, buscam avaliar em que proporção esse recurso aparece nos textos escritos por jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* e de agências de notícia internacionais. Após realizar a análise discursiva de textos publicados nas sessões *Equilíbrio & Saúde* e *Ciência*, verificaram que a modalização autonímica é empregada em igual proporção nos textos de jornalistas do *Folha de S. Paulo* e de agências de notícias, o que sugere, para eles, um nivelamento da informação científica capaz de apagar as diferenças locais e globais nos modos de produção da notícia.

Como parte de um projeto de estudo sobre processos de transmissão de conhecimento em gêneros diversos, Sophie Moirand (2000) busca compreender a manifestação de procedimentos didáticos – isto é, a intenção de tornar o outro mais competente – em textos da mídia que se utilizam de conceitos e dados científicos. A autora concebe a divulgação científica de modo semelhante a Authier-Revuz: “e se a atividade de reformulação é com evidência constitutiva de qualquer discurso segundo, é a exibição dessa heterogeneidade que se mostra característica desse encontro das ciências com a mídia” (2000, p.11). As conclusões de suas análises de textos jornalísticos apontam para o questionamento da intenção destes de tornar o leitor mais competente e de difundir uma imagem da mídia em sintonia com os avanços da ciência. Para Moirand (2000), o fato de os jornais se constituírem em textos-mercadorias e estarem sujeitos às coerções de tempo e de espaço da mídia deixa pouco lugar para a explicação ou mesmo para a argumentação científica. Dessa forma, a ciência é apenas mostrada e a mídia caracteriza-se por produzir informações mais do que por transmitir

conhecimento¹. No entanto, diferentemente de Authier-Revuz, Moirand delimita o escopo de suas conclusões ao localizar sua análise da divulgação científica em uma esfera particular, a mídia, e em um de seus meios, o jornal.

Neste número, Sophie Moirand, Sandrine Reboul e Michele Pordeus Ribeiro, no artigo *La vulgarisation scientifique au croisement de nouvelles sphères d'activité langagière*, seguem esta perspectiva discursiva. Tratam do campo da divulgação científica por meio das diferentes esferas de atividade languageira que nele se cruzam. As autoras partem do modelo clássico e linear da divulgação científica, para, em seguida, apresentar o deslocamento produzido pela mídia tradicional, que possibilitou o diálogo entre diferentes comunidades languageiras (políticos, associações de consumidores, agricultores, pesquisadores, etc.), especialmente em acontecimentos científicos. Ao final, apontam as modificações trazidas pelas novas ferramentas tecnológicas nas formas de participação e de tomada da palavra proporcionadas pela Internet.

É bom lembrar ainda que, semelhantemente a Authier-Revuz, mas a partir do enfoque teórico da Análise do Discurso Anglo-Saxã², Cataldi (2007) considera a divulgação científica como “um processo reformulativo contínuo”, com a finalidade de democratizar o conhecimento científico para o público em geral. No entanto, Cataldi propõe, apoiada em Cassany (2001), que a tarefa divulgadora consiste em “recontextualizar o conhecimento científico para cada público”, o que implica selecionar, reorganizar e reformular as informações de caráter científico aos leitores. A autora especifica, apoiada em Ciapuscio, Cassany, López e Martí (2000), três procedimentos discursivos, característicos da prática divulgadora na mídia impressa, não contemplados na proposta de Authier-Revuz: expansão, redução e variação. O procedimento de *expansão* compreende a inclusão de informações que não estão presentes no texto científico com o propósito de “proporcionar os significados conceituais necessários para lograr a efetiva participação cognitiva e comunicativa do leitor” (CATALDI, 2007, p.161). O procedimento discursivo de *redução* consiste na

¹ Bensaude-Vincent (2003) defende que a escrita da divulgação científica se torna produtora de fatos apenas na segunda metade do século XIX, ao divulgar os resultados da ciência independentemente do processo que permitiu o seu estabelecimento. Nesse processo, a divulgação retira e isola os resultados científicos, inserindo-os em outro contexto.

² Van Dijk é um de seus principais expoentes e propõe que o texto seja concebido enquanto unidade de análise: “deve ser focado a partir do seu contexto real de aparição, de acordo com os propósitos e as finalidades de cada situação comunicativa” (VAN DIJK *apud* CATALDI, 2007a, p.157).

supressão e na condensação de informações científicas consideradas irrelevantes e desnecessárias à versão divulgada. O procedimento discursivo de *variação* constitui-se das diversas mudanças ocorridas desde o texto fonte até o texto divulgador, tais como a seleção lexical, a variação denominativa, a modalidade enunciativa etc.

Outra concepção da divulgação/popularização da ciência define-a como um gênero discursivo. Ao polemizar com o trabalho de Authier-Revuz, Zamboni (2001, p.93-94) postula que a divulgação científica constitui “um gênero particular de discurso, que desloca a ciência de seu campo de destinação precípua e a difunde para os estratos leigos da sociedade”. A autora insere a divulgação científica no campo de transmissão de informações, no qual se encontram o discurso jornalístico e o discurso didático. Para ela, esses dois discursos não coincidem, mas compartilham o fato de trabalharem a linguagem do produto final de forma a torná-la acessível ao destinatário.

Zamboni faz quatro críticas à proposição de Authier-Revuz. Primeiramente, Zamboni contesta que a alta ocorrência de discurso relatado seja um aspecto especificador da divulgação científica, como defenderia Authier-Revuz. Apoiando-se em conceitos do Círculo de Bakhtin, Zamboni argumenta que a enunciação do discurso outro está presente em diferentes gêneros discursivos e, portanto, não se constitui em aspecto diferenciador da divulgação científica. Em segundo lugar, o discurso relatado dos cientistas não pertence à formação discursiva da ciência, uma vez que as informações transmitidas pelos jornais provêm, em grande parte, de entrevistas nas quais a fala do cientista já está vulgarizada em função do público não especializado para o qual o jornalista escreve. Em terceiro lugar, Zamboni defende que o “bilinguismo” caracterizador de dois discursos em contato, tal como propõe Authier-Revuz, está presente não só na D.C., mas em todo e qualquer discurso de especialidade ao ser transformado num discurso de transmissão de informação. Zamboni sustenta essa afirmação ao mostrar traços de bilinguismo discursivo nos campos da moda, da gastronomia, da indústria e da arquitetura. Por fim, o olhar de Authier-Revuz privilegiaria a enunciação do “outro” no discurso do “eu”. Já Zamboni prefere olhar as marcas de heterogeneidade como “realizações efetivas do sujeito”, que trabalha sobre a indeterminação relativa do sistema linguístico.

As postulações de Zamboni trazem inovações significativas para a compreensão e a interpretação do fenômeno da divulgação científica na esfera jornalística,

principalmente quando salienta o estatuto já vulgarizado das declarações dos cientistas para a mídia e a identificação do bilinguismo terminológico como particular não apenas do discurso científico, mas de todo discurso de especialidade.

Com base na Análise Crítica de Gêneros (ACG) (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2015), quadro teórico originalmente proposto pelo linguista aplicado brasileiro José Luiz Meurer (2002), Motta-Roth detém-se sobre um gênero discursivo específico, a notícia jornalística, enquanto parte de atividades ou práticas de popularização da ciência (doravante PC) (MOTTA-ROTH; SCHERER, 2012). No presente volume, a autora analisa o papel da materialidade linguística desse gênero discursivo na constituição das atividades sociais de PC, concentrando-se sobre índices do conteúdo ideacional (sobre o que se fala), da organização retórica (articulações composicionais com funções específicas) e da dimensão identitária e interpessoal da linguagem (estilo). Nessa ótica, o gênero é uma ação retórica típica em resposta a variáveis contextuais recorrentes. Do mesmo modo, a notícia de PC configura-se como uma resposta dinâmica às condições recorrentes do jornalismo científico, um uso dos recursos semióticos para tornar públicos os avanços científicos ao conjunto da sociedade; um evento discursivo de construção da identidade do público-alvo. O objetivo das autoras é descrever os elementos linguísticos, explicar o funcionamento discursivo e realizar uma interpretação semântico-discursiva desses expoentes. Nessa perspectiva teórico-metodológica, a divulgação ou popularização da ciência é uma atividade, processo ou prática social de recontextualização do discurso da ciência em textos endereçados a leitores não especialistas, produzidos em diferentes gêneros discursivos, com o objetivo de promover a comunicação do conhecimento científico, tomado como um elemento importante da cultura de qualquer ser humano na atualidade. A análise das estratégias linguístico-discursivas de notícias de PC em inglês e em português de sítios eletrônicos identifica três discursos, cada um formado por um sistema de gêneros, que são recontextualizados no processo de popularização da ciência na mídia: o científico, que compartilha com a sociedade, por meio de gêneros como livros, teses, artigos etc., os conhecimentos gerados pela ciência; o midiático, que informa sobre esse conhecimento por meio de notícia, reportagem, artigo etc.; e o educacional, que explica o conhecimento da ciência, aproximando-o da vida cotidiana em diferentes gêneros educacionais de PC como o livro didático, por exemplo. A análise da intertextualidade

entre esses três discursos mostra que a recontextualização da ciência na notícia de PC caracteriza-se pela predominância da “contração dialógica” ou “efeito de monologismo”, resultante do predomínio e da valorização do discurso científico em detrimento dos discursos midiático e educacional.

O artigo *Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo*, de Désirée Motta-Roth e Anelise Scotti Scherer neste número, mostra que o discurso científico produzido por e para especialistas chega, por meio da popularização da ciência (PC), à esfera pública da mídia, passando por deslocamentos no tempo, no espaço social e no discurso. Para as autoras, essa hibridização entre ciência e jornalismo gera o discurso do jornalismo científico, que busca tornar conhecido o desconhecido ou compreensível o hermético como um ato pedagógico. Elas consideram esse processo como recontextualização do discurso da esfera científica na esfera jornalística, mediada pelo discurso pedagógico. Motta-Roth e Scherer argumentam que a notícia de PC e o artigo científico são membros de um mesmo sistema de gêneros que tornam público o discurso da ciência.

Orientada pelos princípios e conceitos da semiótica da cultura da Escola de Tártu-Moscou, Machado (2011, p.39) rejeita a divulgação científica como vulgarização, alfabetização ou formação da cultura científica, para entendê-la como processo de tradução da informação científica:

a vulgarização implica o trabalho com níveis de diferentes sistemas semióticos a envolver todos aqueles que realizam as experiências e as traduzem em texto de cultura. Segundo a modelização das linguagens culturais e dos textos de cultura o trabalho do comunicador, seja ele o cientista ou o jornalista, é sempre de metalinguagem resultante dos diferentes processos tradutórios. (2011, p.153)

Apesar do quadro teórico distinto, a formulação de Machado aproxima-se da proposição de Authier-Revuz, Moirand e Cataldi, no sentido de que a divulgação científica é uma prática de reformulação ou operação de tradução, mas destas se distancia ao incorporar a linguagem gráfico-visual ou os signos contínuos como parte do trabalho do comunicador. Essa concepção leva Machado a afirmar que se trata “apenas, de realizar o trabalho de comunicação a partir da reformulação do artigo científico em texto jornalístico: notícia, reportagem, ensaio” (p.161). Em seu artigo *A argumentação gráfica na prosa*, Irene Machado explora o conceito de argumentação

gráfica como exercício da prosa de caráter ensaístico que se desenvolveu na expansão da escrita em textos impressos. A autora, ao estudar argumentos gráficos produzidos na revista *Pesquisa FAPESP*, mostra que eles se tornaram modelizações imprescindíveis dos textos da comunicação científica. Machado entende que, ao ampliar o escopo da palavra no contexto de processos gráficos visuais como os desenhos, a fotografia e os infográficos, os argumentos são muito mais realizações do raciocínio diagramático do que das elaborações retóricas.

Uma quarta posição sobre a divulgação/popularização da ciência, desenvolvida por Charaudeau (2008) e retomada por Giering, utiliza o modelo do contrato de comunicação da semiolinguística, para postular que o discurso de divulgação científica depende das condições da situação de comunicação nas quais se insere. Ao aparecer na mídia, ele não seria uma tradução, mas uma construção dependente dos processos da encenação midiática.

A divulgação científica dirigida ao público infantil da revista *Ciência Hoje das Crianças* é o foco do artigo intitulado O discurso promocional em artigos de divulgação científica midiática para jovens leitores. Maria Eduarda Giering estuda as características comunicacionais e discursivas de artigos de fim discursivo incitação e observa a presença de esquemas narrativos e argumentativos empregados como estratégias para fazer-crer o leitor com vistas ao fazer. A autora constata que, por meio da divulgação científica midiática, o produtor busca provocar ações do leitor que promovam bem-estar social ou individual. Dessa forma, o saber da ciência é valorizado e se estabelece relação entre ciência e vida social. Para Giering, a presença do discurso promocional relaciona-se ao Modelo Contextual de comunicação pública da ciência.

Nessa mesma linha, o artigo Infográfico: modos de ver e ler ciência na mídia, de Juliana Alles de Camargo de Souza, mostra que, nesse gênero discursivo, os recursos plásticos (eidéticos, cromáticos, topológicos) e verbais potencializam a informação da ciência. Ao estudar a configuração multissemiótica da infografia, que utiliza procedimentos descritivo-explicativos e argumentativos, Camargo verifica que o infográfico, na divulgação científica, realiza ação demonstrativo-argumentativa, divulga midiaticamente fatos e fenômenos científicos e integra ações de letramento científico formal e informal.

Finalmente, há a posição defendida por Sheila Grillo (2013), a partir da metalinguística bakhtiniana. A autora desenvolve a tese de que a divulgação científica é uma modalidade particular de relação dialógica – entendida, na acepção bakhtiniana, enquanto uma relação axiológico-semântica – entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana, aí incluídos os níveis superiores da ideologia do cotidiano, cuja materialidade são os enunciados de gêneros variados (reportagem, artigo, editorial, livro, romance, exposição etc.). Nesse diálogo, o autor divulgador assume a posição de mediador competente entre os saberes científicos e a consideração do “fundo aperceptível de compreensão responsiva” de seu destinatário, constituído por aquilo que o divulgador presume que ele domina e, acima de tudo, não domina. Não se trata, portanto, nem de um gênero nem de uma esfera, mas de relações dialógicas da esfera científica com outras esferas da atividade humana ou da cultura. A divulgação científica particulariza-se, portanto, pela exteriorização da ciência e da tecnologia para fora de sua esfera de produção, com a finalidade de criar uma cultura científica no destinatário, ou seja, o seu traço definidor comum encontra-se no que chamaremos de exteriorização da ciência nas instâncias de circulação e de recepção. Nesse processo de exteriorização, os conhecimentos científicos e tecnológicos entram em relações dialógicas com os de outras esferas, sobretudo com a ideologia do cotidiano, mas também com as esferas artística, política, religiosa, etc. Essas relações não se restringem ao aspecto terminológico, tradução dos termos científicos por termos cotidianos e a copresença de ambos no texto, mas colocam em contato diferentes esferas de produção de saberes, compostas por centros valorativos próprios, por seus gêneros, por suas imagens, por seus cronotopos. Esse contato permite não só o aumento do estado de conhecimentos do destinatário presumido, como submete os saberes científicos e tecnológicos a uma avaliação crítica viva.

Três artigos abordam a divulgação científica sob essa perspectiva. O primeiro é de Luiz Rosalvo Costa: Ideologia e divulgação científica: uma análise bakhtiniana do discurso da revista *Ciência Hoje*. Tomando como objeto de investigação o discurso de divulgação científica da revista *Ciência Hoje*, Costa objetiva explorar, com base em proposições teóricas do Círculo de Bakhtin, as relações entre discurso e ideologia. O autor parte da ideia de que o enunciado concreto é o *locus* privilegiado de constituição da ideologia. Em sua análise, focaliza dois editoriais de *Ciência Hoje* (um da década de

1980 e outro da década de 1990), procurando mostrar como embates ideológicos da sociedade contemporânea se manifestam em sua arquitetura.

Sheila Vieira de Camargo Grillo e Maria Glushkova redigem o artigo A divulgação científica no Brasil e na Rússia: um ensaio de análise comparativa de discursos. Objetivam realizar uma análise comparativa da divulgação científica nos dois países, valendo-se, para essa comparação, de fundamentos teórico-metodológicos construídos na confluência entre a teoria bakhtiniana e a análise comparativa de discursos. As autoras, num *corpus* de enunciados das edições brasileira e russa da revista *Scientific American*, observam, por um lado, grandes semelhanças nos gêneros artigo e reportagem de divulgação científica nas duas comunidades etnolinguísticas, e, por outro, diferenças no que concerne à relação com o discurso alheio e o uso de tempos e modos verbais.

Na mesma linha, o artigo A divulgação científica e o enunciado digital, artigo de Flávia Silvia Machado, busca compreender, sob a perspectiva da teoria de Bakhtin e seu Círculo, algumas especificidades e fatores constitutivos do enunciado digital de divulgação científica (DCD). A autora chama a atenção para o fato de que, além de aspectos verbais e verbo-visuais, característicos dos enunciados de divulgação científica nos mais variados gêneros discursivos impressos, seu objeto de análise é formado pela/na complexidade do meio digital. Machado pretende refletir sobre as relações dialógicas hipertextuais, a conclusibilidade e alternância do enunciado, assim como sobre as condições de produção e recepção do enunciado de DCD.

De modo geral, as abordagens elencadas aqui confluem para uma perspectiva social do discurso de divulgação/popularização da ciência que ressalta a importância da caracterização do contexto social para o estudo da comunicação não especializada da ciência. Por outro lado, confrontadas com o mesmo objeto empírico, constroem objetos teóricos distintos, buscando revelar diferentes faces da divulgação/popularização da ciência. Procuramos fazer deste número da *Bakhtiniana* um fractal da ciência que valorizamos: ao invés de consensos, buscamos o debate, a polêmica, a divergência, a pluralidade de pontos de vista. Os artigos que o compõem expressam essa pluralidade como forma do pensamento científico sobre a linguagem. São diferentes olhares sobre o discurso de divulgação/popularização da ciência, proporcionando conhecimentos e reflexões que visam contribuir para a discussão acerca do que está em jogo, do ponto de

vista discursivo, quando da ação de tornar a ciência acessível ao público não especializado.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. E. P. Orlandi et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998 [1982]. p.107-131.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1963].
- BENSAUDE-VINCENT, B. *La Science contre l'opinion: histoire d'un divorce*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/Le Seuil, 2003.
- CASSANY, D. Fer entendre la ciência als qui ho necessitin. *Treballs de la Societat Catalana de Biologia*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, v. 51, p.189-193, 2001.
- CASSANY, D.; LÓPEZ, C.; MARTÍ, J. La transformación divulgativa de redes conceptuales científicas. Hipótesis, modelo y estrategias. *Discurso y Sociedad*, Barcelona, v. 2, n.2, p.73-103, 2000.
- CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. de S.; CATALDI, C. (Org.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa: Ed. UFV, 2007, p.155-164.
- GRILLO, S. V. de C. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. 333 f. Tese (Livre-docência em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MACHADO, I. Língua entre linguagens: a argumentação gráfica na comunicação da ciência. 2011. Tese (Livre-docência em Comunicações e Artes) – Escola de Comunicação e Arte (ECA), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MOIRAND, S. Formas discursivas da difusão de saberes na mídia. Trad. E. P. Orlandi. *Rua*, Campinas, n. 6, p. 9-24, 2000.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In J. L. MEURER; MOTTA-ROTH, D. (Org.), *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002, p.17-29.
- MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. A short cartography of genre studies in Brazil. *Journal of English for Academic Purposes*, v. 19, p.22-31, 2015.
- MOTTA-ROTH, D.; SCHERER, A. Expansão e contração dialógica na mídia: intertextualidade entre ciência, educação e jornalismo. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 28, p.639-672, 2012.
- POTEBNIÁ, A.A. *Mysl i iazk: psikhologuiia poetícheskogo i prozaícheskogo mychliénii* [Sentido e linguagem: psicologia do pensamento poético e prosaico]. Moscou: Labirint, 2010[1892].
- ZAMBONI, L. M. S. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, Fapesp, 2001.